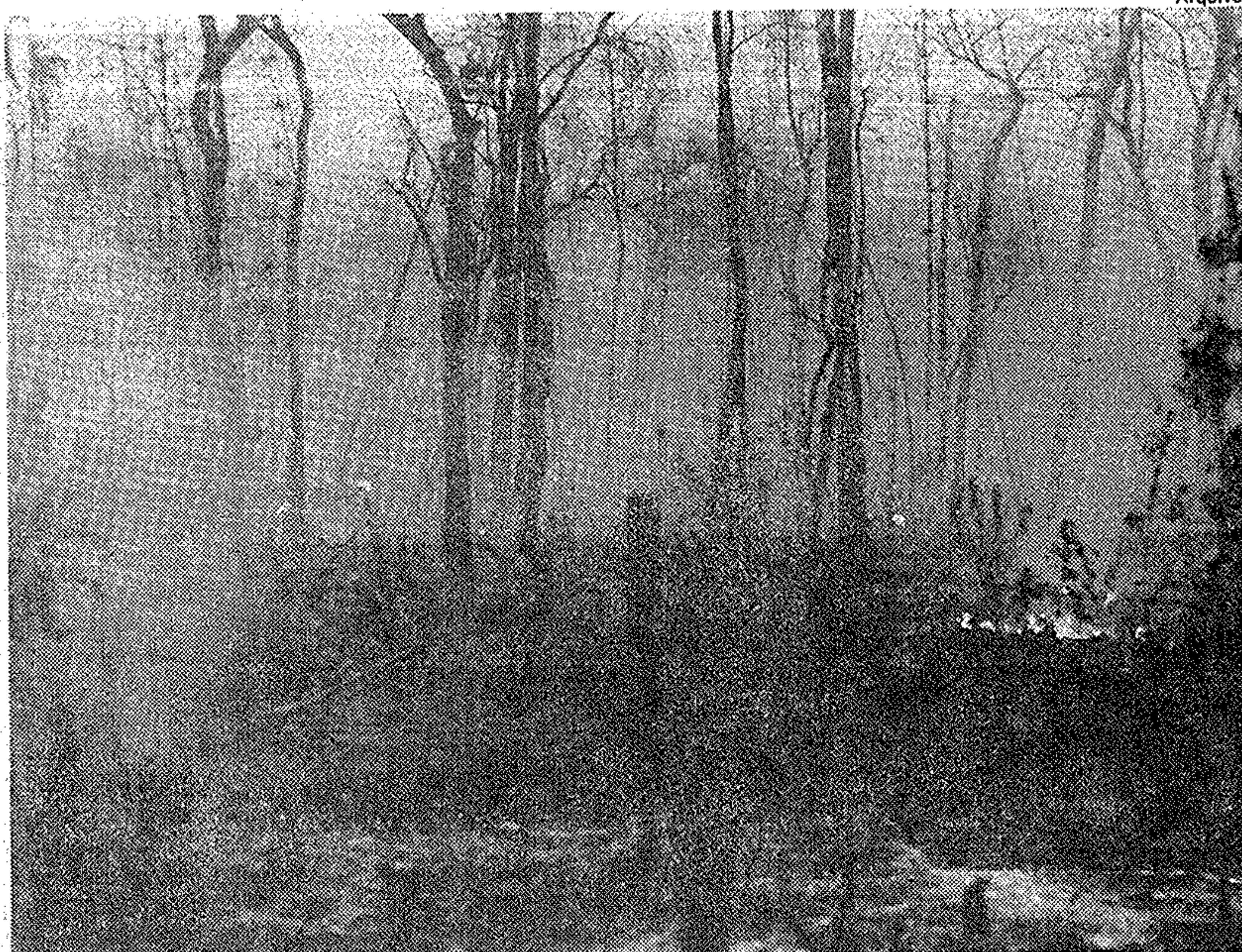


Povos Indígenas no BrasilFonte: Jornal do Brasil Class.: Amazônia / GeralData: 01/02/93 Pg.: 18 ASAR 051

Arquivo

A derrubada da mata e a alteração das chuvas favorecem a proliferação de mosquitos transmissores

Desmate torna leishmaniose mais freqüente no Amazonas

■ Doença faz vinte e cinco novos casos por dia em Manaus

ORLANDO FARIAS

MANAUS — A variação do clima, com chuvas fora de época, e a derrubada das florestas pelo homem estão incluindo definitivamente a capital do Amazonas no mapa endêmico da leishmaniose na Amazônia. A doença deu novo salto em Manaus, com o registro de mais 400 casos em 92, em relação ao ano anterior. Cerca de 25% dos novos casos são de portadores abaixo de 15 anos.

Segundo o dermatologista Sinésio Talhari, especialista em leishmânia, são atendidos diariamente 25 novos pacientes portadores da doença, todos contaminados em estradas e bairros atingidos por recentes desmatamentos.

Desde 74, entretanto, diz Talhari, o número de casos da doen-

ça vem aumentando no período das chuvas, por causa da grande densidade de mosquitos.

O aumento da doença na cidade consumiu em alguns meses do ano todo o estoque do medicamento Glucantine nos órgãos públicos, deixando muitos pacientes sem tratamento. E a maior parte deles não tem condições financeiras de comprar o remédio nas drogarias. Para um tratamento de 45 dias, explica Sinésio Talhari, são necessárias 90 ampolas que custam atualmente Cr\$ 3 milhões.

Diagnóstico — Um novo instrumento capaz de substituir cinco outros processos na obtenção de amostras clínicas para o isolamento de parasitas da leishmaniose tegumentar foi desenvolvido pelo Instituto Nacional de Pesquisas da Amazônia (In-

pa). Considerado revolucionário pelos pesquisadores, o invento, chamado de escarificador, já está sendo utilizado pela Fundação Nacional de Saúde em Rondônia e no Amazonas.

Já registrado no Instituto Nacional de Propriedade Industrial, o instrumento desenvolvido pelo Inpa dispensa o processo tradicional e doloroso para o diagnóstico da doença, acabando com o uso de anestesia local, pinça e tesoura.

O escarificador foi inventado no Departamento de Ciências da Saúde do Inpa, pelo pesquisador Roberto Daibes Naiff, a partir de uma haste compacta e rígida, medindo 2,6 milímetros de diâmetro e 140 milímetros de comprimento. Segundo os técnicos da fundação nacional de Saúde, ele vai facilitar imensamente seu trabalho.